



Revista

ENTRERIOS

A revista cultural da comunidade suábica de Entre Rios
Agosto de 2025 / Edição nº 175 / ISSN 2526-9186

Tradição

O traje típico dos Suábios do Danúbio

Comunidade

A 15ª Traktorfest de Entre Rios

Receita típica

“Caracóis de Nozes”
Nuss-Schnecken

Ensino

A viagem do Terceirão à Alemanha



Turnê Europeia 2025:

Dança e canto na terra
dos antepassados

Índice

03

Receita: Caracóis de Nozes
„Nuss-Schnecken“

04

A turnê europeia do Grupo de
Danças Folclóricas Adulto e
do Grupo Amizade

08

A 15ª Traktorfest de Entre Rios

10

Tradição: O traje típico dos
Suábios do Danúbio

14

Fotografia: Registrando a história

16

A viagem do Terceirão do Colégio
Imperatriz à Alemanha

18

Notícias Gerais

ENTRE RIOS

Revista dedicada à preservação
da cultura da comunidade
suábica de Entre Rios.

Cooperativa Agrária Agroindustrial
Rua 5 de Maio, 745 – Colônia Vitória – Entre Rios
Guarapuava – PR – BR – 85139-400

Fundação Cultural Suábio-Brasileira
Avenida Michael Moor, 1951
Colônia Vitória – Entre Rios
Guarapuava - PR – BR – 85139-400

Equipe Editorial

Editor-chefe: Klaus Pettinger
Jornalista: Bárbara Miranda
Jornalista: Mariana Papi
Jornalista: Manoel Godoy

Revisão

Geraldo de Carvalho
Nikita Geier
Roseli Brandtner Essert
Sandra Schmidt
Viviane Schüssler

Fotografia

BM - Bárbara Miranda
MG: Manoel Godoy
MP - Mariana Papi

Publicação

Cooperativa Agrária Agroindustrial
Fundação Cultural Suábio-Brasileira

Traduções

Geraldo de Carvalho

Design e diagramação

Mynd's Design Editorial

Assinaturas para a edição em alemão

Sandra Schmidt
sandra.schmidt@agraria.com.br
Tel. Nr. 00 55 42 3625 8528

Publicação Online

<https://suabios.com.br/revistas>

Periodicidade

Bimestral



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais

Parceiros culturais



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



GOVERNO FEDERAL
UNIAO E RECONSTRUÇÃO

Caracóis de nozes

Mariana Papi

Os “Caracóis de Nozes”, ou “Nuss-Schnecken”, em alemão, representam a autêntica receita de vovó, apresentada nesta edição da Revista Entre Rios por Maria Kopf. Ela aprendeu o passo a passo com sua avó, que veio da antiga Iugoslávia. “Eu guardo até hoje o caderninho com a receita”, conta ela, com carinho.

Clássico da culinária alemã e austríaca, os Caracóis de Nozes são pães doces recheados, com cobertura de glacê de açúcar. “Dá para preparar uma versão salgada também. Minha avó fazia com frango e, às vezes, carne moída. Fica muito gostoso”, comenta. No entanto, a versão mais tradicional na Alemanha é a doce, recheada com nozes, avelãs ou amêndoas.

Em cada café colonial ou evento da família Kopf, as Nuss-Schnecken estão sempre presentes, dando um toque especial à sobremesa. Segundo Maria Kopf, é possível preparar a massa folhada em casa ou usar a versão pronta, congelada. O resultado fica bem parecido.

Maria Kopf:
“Éis a receita da minha avó”



Foto: Fundação Cultural

Ingredientes:

200 g de avelã moída
50 g de amêndoas picadas
1 colher (sopa) de rum
1 colher (sopa) de canela em pó
3 colheres (sopa) de açúcar
1 colher (chá) de suco de limão
1 kg de massa folhada
1 clara de ovo
5 colheres (sopa) de leite

Modo de preparo:

Pré-aqueça o forno a 200 °C.
Para o recheio, misture em uma tigela o amendoim, as nozes, o açúcar, o suco de limão, a canela e o rum.
Abra a massa folhada com um rolo e pincele-a com leite. Em seguida, espalhe o recheio uniformemente sobre a massa e enrole como se fosse um rocambole.
Corte em rodela de aproximadamente 3 cm de largura e disponha-as em uma forma untada. Pincele cada rodela com a clara de ovo e leve ao forno por cerca de 18 minutos.
Depois de assadas, bata o restante da clara com açúcar até obter ponto de neve. Passe essa cobertura sobre as rodela e coloque novamente no forno – já desligado – por mais 3 minutos.

Pronto! Agora é só servir e aproveitar suas deliciosas *Nuss-Schnecken*!





Centro de Idosos Josef Nischbach, em Ingolstadt

Turnê Europeia 2025:

Com dança e voz pela terra dos antepassados

Klaus Petinger

Palco e técnica já estão preparados, mas nuvens densas cobrem o céu da Baviera, em Munique-Haar, na Alemanha. Os dançarinos buscam abrigo sob tendas, enquanto o Grupo Amizade mantém o público animado na Casa da Associação dos Suábios do Danúbio da Baviera. É preciso adaptar o programa, mas o entusiasmo permanece inalterado. Quando a chuva dá uma trégua, o Grupo de Danças Folclóricas Adulto sobe ao palco ao ar livre. Durante a última música, porém, novas gotas começam a cair — justamente no momento em que as dançarinas “voam” na tradicional Hammerschmittgesell, coreografia que simboliza a Festa da Cevada de Entre Rios. Poucos minutos depois, o céu se abre novamente, e as dançarinas retornam ao palco em coloridos trajes brasileiros. Elas dançam ao som de ritmos típicos de várias regiões do Brasil e chegam a se apresentar descalças durante o contagiante samba, poupando os sapatos molhados para as próximas apresentações.

Assim como nessa exibição inesquecível em Munique, realizada no dia 9 de julho, o programa de cerca de 90 minutos foi apresentado sete vezes ao longo da turnê europeia — felizmente, sem novos contratemplos climáticos. Em 18 dias, 36 integrantes dos Grupos de Danças Folclóricas Adulto e do Grupo Amizade, da Fundação Cultural Suábio-Brasileira, percorreram seis países: Alemanha, Áustria, Hungria, Romênia, Sérvia e Croácia. A viagem contou ainda com a presença de Nikita Geier (coordenadora da Fundação Cultural), Viviane Schüssler (gerente social da Agrária) e Cristian Abt (diretor-secretário da cooperativa).

O que deixaram para trás: emoções, encantamento e marcas duradouras. O que trouxeram consigo: histórias,

novas conexões e um entendimento mais profundo de suas origens. Após meses de preparação e uma pré-estreia realizada em 7 de junho no Centro Cultural Mathias Leh, o grupo embarcou cheio de expectativa no dia 2 de julho. “Finalmente havia chegado o momento, e mil pensamentos passavam pela cabeça — principalmente sobre o que nos aguardava nessa viagem, para a qual nos preparamos com tanto carinho”, recorda Cristiane Zuber, coordenadora do Grupo de Danças e participante da turnê europeia de 2012.

O resultado de tanto empenho: auditórios lotados e entusiasmo desde as primeiras apresentações. A estreia aconteceu em 4 de julho, em Frankenthal, Alemanha, diante de 250 espectadores. “Eu



Fotos: Arquivo Pessoal

Durante a tradicional dança do Hammerschmittgesell, volta a choviscar em Munique-Haar.

estava muito nervoso, ainda não tinha caído a ficha de que estava participando de uma turnê tão importante”, conta Johann Schmidt Gomes, de 19 anos, um dos dançarinos mais jovens. “Mesmo assim, foi maravilhoso, uma apresentação inesquecível. Todos se dedicaram ao máximo e, no final, tudo deu certo”, acrescenta.

Em uma viagem tão complexa, porém, é natural que nem tudo saia exatamente conforme o planejado. Logo no primeiro dia na Alemanha, perceberam a falta de uma mala que não havia sido despachada do Brasil – justamente aquela que carregava parte das pastas e estandes de partituras. “Os dois primeiros shows foram um verdadeiro desafio”, conta Tania Keller, coordenadora do Grupo Amizade. “Mas fizemos o melhor com o que tínhamos disponível. E deu muito certo”.

O maior público da turnê foi registrado em 6 de julho, em Gosheim, na Alemanha, onde cerca de 500 pessoas prestigiaram a apresentação, realizada durante a tradicional festa de rua local. Nos bastidores, foi preciso improvisar: o escritório do prefeito se transformou em camarim. Acordeões apoiados em estantes de arquivos, trajes pendurados ao lado de plantas urbanísticas. “Tivemos um ótimo espaço, com bastante conforto, realmente foi perfeito”, comenta Cristian Abt. Já para a segunda parte do programa, foi preciso se trocar até mesmo em salas da Cruz Vermelha, que eram mais próximas.

“É exatamente isso que torna uma turnê especial”, reflete Viviane Schüssler. “As pessoas eram muito simpáticas, prestativas, abertas e curiosas. Muitos chegaram a reconhecer, de repente, laços de família”. De fato, descendentes dos suábios do Danúbio se aproximaram dos grupos para contar sobre parentes em Entre Rios ou em outras localidades. “Eles perguntavam, por exemplo, quem era da Colônia



Logo na estreia em Frankenthal, os dois grupos culturais encantaram cerca de 250 espectadores com dança e música.

Já em Munique, no dia 8 de julho, um encontro marcante com os suábios do Banato, realizado no histórico Hofbräuhaus, preparou os viajantes de Entre Rios para a apresentação do dia seguinte, em Munique-Haar. “O grupo dos suábios do Banato se reuniu conosco ali, e jantamos juntos em um clima acolhedor e afetuoso”, conta Viviane.

Os grupos despertaram grande interesse também além das fronteiras da Alemanha. Um dos momentos mais emocionantes aconteceu em 11 de julho, durante o encontro com os jovens suábios do Danúbio de Werischwar, na Hungria. Em poucos minutos, formou-se uma conexão espontânea e intensa entre os membros brasileiros, com idades entre 16 e 52 anos, e os jovens húngaros. Houve dança, risadas, música – e até o preparo de kipferl (pãezinhos em forma de croissant) – como se todos se conhecessem há muito tempo. Essa abertura mútua transformou o encontro em uma verdadeira celebração cultural, humana e emocional.

“Em Pilisvörösvár, que é o nome húngaro de Werischwar, quase celebramos uma verdadeira ‘Festa da Cevada’, quando tocamos no Spotify as músicas que costumamos dançar em nossas festas. Foi uma noite maravilhosa”, recorda Johann. “O salão vibrava. Os jovens cantaram, dançaram e até choraram conosco. Foi incrível, uma experiência inesquecível”, descreve Nikita, emocionada.

Uma cena, em especial, ficou marcada na memória: de forma totalmente espontânea, um trompetista húngaro subiu ao palco e acompanhou o grupo durante a execução da música “Herzschmerz”. “Foi de arrepiar, um momento que evidenciou a força unificadora da música e da cultura”, destaca a coordenadora da Fundação Cultural.

A comunidade anfitriã preparou ainda uma programação diversificada para os grupos suábio-brasileiros, incluindo uma gincana cultural pela cidade. “Recebemos um mapa com diversas perguntas e precisávamos encontrar determinados locais para descobrir as respostas. Dessa forma, conseguimos conhecer tanto a história quanto a cidade de uma maneira totalmente nova”, conta Cristiane.



Dança gaúcha em Gosheim, onde foi registrado o maior público da turnê: aproximadamente 500 pessoas prestigiaram as apresentações.

Cachoeira, e, inesperadamente, surgiam conversas muito especiais. Foi realmente comovente”, lembra Cristiane.

Em Sindelfingen, na tarde de 7 de julho, a apresentação foi muito mais do que um simples espetáculo: transformou-se em um verdadeiro diálogo entre gerações, conectando passado e presente de forma marcante. O público era formado principalmente por suábios do Danúbio que haviam emigrado para a Alemanha nas décadas de 1980 e 1990. “Eles vieram originalmente da Romênia ou da Hungria e emigraram um pouco mais tarde do que nossas famílias, mas ainda hoje mantêm vivas suas tradições por meio de grupos e associações”, explica Cristian Abt.

O vínculo com a antiga pátria também foi sentido de maneira intensa em Sindelfingen. Muitos moradores locais se emocionaram ao conhecer o trabalho cultural realizado no Brasil. “Eles ficaram verdadeiramente impressionados ao saber que em Entre Rios existem mais de 300 dançarinos ativos”, relata Cristiane.



O Grupo Amizade se apresenta em Sindelfingen, promovendo um verdadeiro diálogo entre gerações.



No renomado Adam-Müller-Guttenbrunn-Haus, em Temeswar, os grupos se apresentam para um auditório lotado.

No dia 14 de julho, a viagem seguiu para a Romênia, chegando a Temeswar, uma cidade que simboliza, como poucas, a história, o sofrimento e a perseverança dos suábios do Danúbio. O acolhimento foi caloroso. No renomado Adam-Müller-Guttenbrunn-Haus, os grupos se apresentaram para um auditório lotado, emocionando o público presente.

O roteiro incluiu também uma visita ao museu da cidade, marcada por um momento de profunda reflexão histórica. “Vimos quantos suábios do Danúbio perderam tudo: suas terras, suas casas, sua própria existência. Muitos foram expropriados, expulsos ou tiveram que reconstruir suas vidas sob circunstâncias totalmente novas”, relata Cristian Abt. “E, mesmo assim, conseguiram preservar a sua cultura”.

A partir desse ponto da viagem, o vínculo com a antiga pátria tornou-se ainda mais forte e emocionante. De Temeswar, o grupo seguiu para Novi Sad, na Sérvia, e depois para Osijek, na Croácia – regiões que abrigaram muitos dos antepassados da comunidade de Entre Rios. No dia 16 de julho, a experiência ganhou um caráter profundamente pessoal: os descendentes brasileiros dos suábios do Danúbio tiveram a rara e emocionante oportunidade de visitar os vilarejos de origem de suas famílias, no distrito de Osijek. Muitos aproveitaram o dia para percorrer os lugares de onde seus avós ou bisavós haviam sido expulsos. “Eu estive, de fato, em três dos quatro vilarejos de onde veio minha família”, conta Cristian Abt. “A gente pensa que tem uma noção, mas quando está realmente ali, sente como essa história é profundamente tocante”.

Ainda hoje, em alguns lugares, as marcas da guerra permanecem visíveis: buracos de bala nas paredes, fazendas abandonadas, cemitérios silenciosos. Em muitas vilas, restam pouquíssimos suábios — em algumas, nenhum. Mesmo assim, determinados locais receberam o grupo com grande cordialidade. Moradores os conduziram pelas ruas, compartilharam histórias locais e ofereceram bolos caseiros, em gestos simples, mas cheios de significado.

“Logo no início, senti um certo peso ao ver as casas dos nossos antepassados e imaginar que eles viveram exatamente ali”, relata



Johann, cuja bisavó nasceu em Sotin. “Além disso, quase não havia pessoas nas ruas, o que deixou tudo ainda mais estranho. Mas, depois, senti uma alegria imensa por ter essa oportunidade de conhecer a antiga pátria”.

Para Cristiane Zuber, o momento foi profundamente emocionante, mesmo sendo a segunda vez que vivenciava aquela experiência. Um episódio em especial ficou gravado na memória: durante o trajeto entre dois vilarejos, ela recebeu uma mensagem no WhatsApp de um jovem dançarino suábio-brasileiro que conhecia bem. Ao descobrir que Cristiane estava visitando os locais de origem das famílias, ele respondeu entusiasmado: “Esse é exatamente o vilarejo de onde vieram os meus antepassados”. Cristiane não pensou duas vezes: “Vou descer agora e tirar uma foto para você.”

Dito e feito. “Ele enviou a foto imediatamente para a tia dele, que, por coincidência, eu havia encontrado no domingo anterior. Ela ficou profundamente emocionada e agradecida por receber aquela imagem”, lembra Cristiane. Essa etapa da viagem, silenciosa e intensa, difícil de traduzir em palavras, transformou-se no ponto alto emocional para muitos dos participantes.

Na sequência, a jornada seguiu para Viena, a histórica capital do antigo Império Habsburgo. Lá, os grupos culturais foram acolhidos calorosamente pelos suábios locais, em um encontro oficial marcado por hospitalidade e sabores típicos. A visita, repleta de significado histórico, inspirou e comoveu os viajantes, preparando-os para a derradeira etapa da viagem de volta à Alemanha.

A “última dança” da turnê europeia aconteceu no dia 18 de julho, em Ingolstadt. No Centro de Idosos Josef Nischbach, cerca de 180 pessoas aguardavam com expectativa a chegada do grupo. A maioria tinha raízes suábias ou laços familiares que remontavam a gerações passadas. O momento foi marcado por um clima digno e quase solene, coroando uma viagem repleta de emoções, encontros e descobertas. Ali, o grupo pôde sentir, de forma profunda, o verdadeiro significado da cultura que representa: uma ponte entre gerações, erguida sobre música, dança e memórias vivas. “Muitos nos disseram: ‘Por favor, nunca percam isso’”, relata Cristiane. “Durante toda a turnê, e especialmente nesse encerramento, nos sentimos como uma grande família”.



Cristiane Zuber (1ª à esq.), Nikita Geier (2ª da esq.), assim como Sabine e Kerstin Korpasch visitam Banovci, um dos vilarejos de origem de suas famílias.

Em Werischwar, Hungria.



Cristian Abt, à esquerda, e Viviane Schüssler, à direita, entregam um certificado de agradecimento em Munique.

As viagens culturais são realizadas a cada dois anos pela Fundação Cultural Suábio-Brasileira, com apoio da Cooperativa Agrária. “Do começo ao fim, tudo transcorreu perfeitamente. É preciso parabenizar todas as pessoas envolvidas e todos os participantes que fizeram parte dessa experiência”, destaca Cristian Abt.

Essas viagens funcionam como estímulo para que mais pessoas participem dos grupos culturais, além de serem uma ferramenta essencial na preservação da identidade da comunidade. “Cultura não é gasto, é investimento, nas pessoas, na comunidade e na união”, afirma o diretor da Agrária. O apoio da cooperativa não se baseia em nostalgia, mas em uma convicção sólida. “As crianças começam cedo, ainda na educação infantil, aprendendo alemão. Depois, seguem para os grupos de dança e música. Essa viagem mostra a elas que sua cultura tem valor e que podem, com ela, construir pontes para o futuro”, acrescenta Nikita Geier.



Visita do grupo à nascente do Rio Danúbio.

Assim como a chuva inesperada que marcou a abertura em Munique, a vida — tal como uma turnê — sempre reserva momentos desafiadores. Mas a história dos suábios do Danúbio mostra, há séculos, que: os trajes podem se molhar, as “dançarinas voadoras” podem se preocupar, vozes e tambores podem silenciar por instantes — mas ninguém recua. E, quando o sol volta a brilhar, o próximo destino é alcançado ou uma nova geração se apresenta, ela segue em frente: a grande turnê de preservação de uma cultura que insiste em permanecer viva.



Também em Viena, o grupo foi recebido com muito carinho pelos Suábios do Danúbio.

DZM e os Museus Suábios do Danúbio: Quando a História sorri

“De repente, é como se a sua própria história se virasse para você e sorrisse”. Foi assim que muitos participantes da viagem à Europa descreveram a experiência de visitar os museus e centros culturais na Alemanha, Hungria e Romênia. Cada visita parecia um reencontro com as próprias raízes, um momento profundo de conexão com a trajetória de seus antepassados.

O Museu Central dos Suábios do Danúbio (DZM), em Ulm, é reconhecido mundialmente como referência na preservação da história e da cultura suábica. Não por acaso: foi dessa cidade que, no passado, inúmeras famílias suábicas partiram em viagem rio Danúbio abaixo, carregando esperança, medo e sonhos de uma nova vida.

Durante todo o roteiro cultural, que incluiu Spaichingen, Sindelfingen, Ulm, Munique, Temeswar, Werischar e Ingolstadt, o grupo foi recebido calorosamente pelas associações locais. Os visitantes constantemente se sentiam acolhidos e celebrados como parte de uma grande família.

Na chegada a Ulm, em 7 de julho, houve um momento especialmente simbólico: os dois grupos culturais foram recepcionados com um jantar em um castelo histórico, que hoje serve como ponto de encontro para os suábios locais. “Fomos tratados com muito carinho e, no final, ainda cantamos juntos”, relembra Viviane Schüssler.

A visita ao DZM foi um dos pontos altos da turnê. Hans Supritz, presidente dos Suábios do Danúbio em Baden-Württemberg e presidente regional em Ulm, recorda a emoção do momento: “Os 36 participantes foram divididos em dois grupos. O interesse era tão grande que a visita acabou durando uma hora e meia, com direito até a uma pausa no meio do percurso”.

Às margens do Danúbio, uma placa de bronze lembra aqueles que chegaram até o sul do Brasil, com a inscrição: Entre Rios – Brasil. “É o que sempre digo: quem tiver a oportunidade de visitar o Museu Central, que o faça. É simplesmente encantador”, enfatiza Cristian Abt. “Lá, a gente encontra até imagens de pessoas da nossa própria comunidade”.



Passeio pela capital húngara, Budapeste.

Traktor-Fest e Trekker-Trek: Uma festa para todas as gerações

Manoel Godoy

A comunidade de Entre Rios celebrou, nos dias 26 e 27 de julho, no Centro de Eventos Agrária, a 15ª edição da Traktorfest. O evento, com sua tradicional exposição de tratores antigos – muitos deles com nomes que hoje soam curiosos, como “Ursus” –, desperta, nos mais velhos, lembranças vívidas de seus avós, e oferece aos jovens de hoje um vislumbre de uma época em que nada na rotina das fazendas era digitalizado.

O que a festa deixou bem claro mais uma vez é que os olhos de crianças e adultos ainda brilham diante desses antigos heróis de ferro do campo. Do comitê organizador, Raimund Keller, presidente da TAER (Tratores Antigos de Entre Rios), contou: “Na verdade, a Traktorfest começou assim: com tratores antigos. Um agricultor decidiu mandar consertar um trator. Outro gostou da ideia e consertou o seu também. Depois, mais alguém se animou e foi atrás do trator que tinha pertencido ao avô, e assim foi crescendo. Hoje, temos aqui cerca de 120 a 130 tratores antigos. A maioria veio da própria região de Entre Rios”.

Por isso mesmo, acrescentou ele, muitos dos tratores em exposição haviam sido usados nas colônias e na região ao redor. “Eu posso até citar um que está ali: ele pertenceu ao meu pai. É um Hanomag 35. Não sei dizer exatamente o ano de fabricação. Quem cuida dele hoje é o meu sobrinho”.

Com a forte participação dos membros da TAER na exposição e o clima favorável, o presidente da associação avaliou positivamente o primeiro dia do evento. Keller destacou que o desejo do público de redescobrir o passado local tem contribuído para a crescente popularidade da festa. “Isso desperta memórias. Antigamente, não era nada fácil. Para tratores pequenos, era um grande desafio preparar um campo para o plantio. Hoje tudo é muito mais simples. Dá para imaginar o quanto se suava naquele tempo”.



Raimund Keller, presidente da TAER (Tratores Antigos de Entre Rios)

Fotos: Manoel Godoy

Justamente por isso, explicou o presidente da associação, a exposição atrai pessoas de todas as idades. “Há muitas pessoas que se identificam com o evento, vêm até aqui, visitam a exposição e passam o dia aproveitando. Às vezes até dois dias. É uma festa para toda a família”, disse ele no quiosque da TAER, onde a venda de peças artesanais relacionadas a tratores, desde camisetas até quadros, despertou grande interesse do público.

Entre os participantes, o agricultor Helmuth Seitz contou a história de seu trator: “Este é um Hanomag 35, ano 1957. Ele está na família desde aquela época até hoje. Para nós, ele é uma verdadeira relíquia. Quem gosta de tratores antigos, naturalmente quer mantê-los consigo”, disse. Seitz explicou que o trator foi restaurado, mas o trabalho não custou muito, pois não foi necessário trocar muitas peças. “Algumas partes foram renovadas. A grande vantagem dessa restauração foi poder pintá-lo novamente com a cor original”.

Representando a geração mais nova, o agricultor Giovane Becker é a prova de que a paixão por tratores une jovens e adultos. Com olhar atento, ele acompanhava a prova de Trekker-Trek, outra atração já tradicional do evento, que todos os anos se destaca na programação. Enquanto isso, seu pai se dedicava aos últimos preparativos do trator da família, inscrito para competir.



A 15ª edição do Traktorfest: emoção na pista do Trekker-Trek e paixão por tratores antigos



Durante a festa, foi realizada uma ação social: o sorteio de um trator para a reconstrução da igreja na Colônia Samambaia.

Segundo Giovane, foi realizada em Entre Rios a quinta etapa do campeonato, depois das fases realizadas em Holambra 1 e 2, Tibagi e Castro. “Temos cerca de 35 tratores inscritos. O número de pilotos é maior, porque muitos tratores têm mais de um piloto. Estimamos que sejam aproximadamente 60 competidores”, explicou Becker.

Na opinião dele, os detalhes têm um papel fundamental no Trekker-Trek:

“Assim como nas competições de drag racing ou de corrida, depende muito da equipe e da regulagem do trator. O que faz uma equipe se destacar é, antes de tudo, a capacidade do piloto de encontrar o melhor trajeto”.

Segundo Becker, isso se deve a outro fator importante: “Como a pista é usada por todos, alguns trechos ficam melhores e outros piores. Isso depende da percepção do piloto e também da sua habilidade para lidar com imprevistos. Já no caso do trator, tudo está relacionado ao ajuste do peso, aos pneus e à regulagem do motor”.

Por outro lado, o esporte está aberto a todos, homens e mulheres, como demonstrou um casal de Holambra: Luiz Antônio Barbosa da Silva, presidente da Associação Brasileira de Trekker-Trek, e Patrícia Scheltinga. Assim como Luiz, Patrícia também compete. “Tudo começou porque meu marido sempre participou do Trekker-Trek, e eu o acompanhava desde o início. Depois, ele comprou um trator. Há dois anos, comecei a competir na categoria Pro-Stock. Essa paixão só cresceu a cada ano”, contou. Mesmo não tendo alcançado o resultado esperado desta vez, Patrícia sabe que isso faz parte da competição. “Quero continuar participando. No ano passado, conquistei o primeiro lugar aqui em Entre Rios, na minha categoria”.

Luiz Antônio fez uma avaliação positiva do Trekker-Trek em Entre Rios: “Este ano tivemos um dia muito agradável, nem muito quente, nem muito frio, e sem chuva. A festa recebeu mais público do que no primeiro dia do evento do ano passado”. Sobre o futuro do esporte, ele se mostrou otimista: “Vejo o Trekker-Trek como algo muito promissor. É uma atividade ligada ao campo, um evento que envolve motor, trator e várias habilidades que fazem parte do dia a dia da agricultura”.

O segundo dia do evento também trouxe atrações especiais: o sorteio de um trator totalmente restaurado, ano 1954, em uma ação social para a reconstrução da igreja da Colônia Samambaia, além de dois desfiles de tratores com a participação de crianças e adultos, que encerraram a programação da festa.



O agricultor Helmuth Seitz e o Hanomag 35, ano 1957



Giovane Becker ao lado do trator de seu pai



O casal Luiz e Patrícia, de Holambra



Tratores antigos: testemunhas de um mundo ainda não digitalizado



Em trajés típicos e *dirndls*, os 14 grupos de dança da Fundação Cultural se apresentaram durante o Maibaumfest 2025.

Costurando Identidades: A história e a tradição dos trajés suábios em Entre Rios

Mariana Papi

Pregas minuciosamente alinhadas, tecidos delicados e um orgulho que ultrapassa gerações. Os trajés típicos suábios representam muito mais do que uma vestimenta, são a materialização de uma memória coletiva que resiste ao tempo. Em Entre Rios, essa tradição segue viva, costurada com dedicação e preservada com afeto.

Os trajés tradicionais dos Suábios do Danúbio são resultado de um longo processo histórico e cultural. Oriundos de diferentes regiões da Europa Central e Oriental, os suábios carregavam uma diversidade de hábitos e expressões culturais. A vestimenta não era chamada de traje típico, mas simplesmente de *Gewand* ou *Anzug* — roupas de festa, de trabalho ou do dia a dia. O termo *Tracht* só se consolidou por volta da década de 1920, quando a indumentária passou a ser compreendida como símbolo de identidade.

Maria Dolores Stotzer Schneiders, assistente cultural da Fundação Cultural Suábio-Brasileira, explica que os trajés funcionavam como um espelho da sociedade. “Ele mostrava quem era camponês ou artesão, quem era

pobre ou rico, quem era natural do lugar ou estrangeiro, quem se atinha à tradição ou era progressista”. Além disso, indicavam o momento da vida: infância, juventude, casamento, luto. A roupa era, então, uma linguagem visual compreendida por toda a comunidade.

Hoje, em Entre Rios, o uso do traje típico se mantém principalmente em eventos especiais em festas da comunidade e também nos grupos de dança e música folclóricas. A confecção parte de um trabalho meticuloso, passado de geração em geração. O traje feminino, por exemplo, é composto por uma blusa branca de linho fino, com mangas bufantes, adornada com delicadas rendas no pequeno decote e nas extremidades das mangas. Fazem parte do conjunto três saíotes engomados, saias pregueadas, corpete de veludo e lenço de caxemira (veja a descrição detalhada na pág. 13). Já o traje masculino é composto por camisa branca, colete preto com faixa vermelha e calça escura. Cada detalhe, dobra e botão é parte de um saber ancestral transmitido pelas mãos de quem costura.



Mãos que costuram memórias

Duas dessas mãos são as de Helga Schlafner e Theresia Brandtner, duas pioneiras, que tornaram a paixão pela costura, sua profissão. Ambas chegaram ainda bebês a Entre Rios, vindas da Áustria com suas famílias suábias. Cresceram em meio à reconstrução da vida e à preservação das raízes. Com suas mães, aprenderam as bases da costura e se encantaram pelo universo dos “Tracht”. “Fiz muitos trajes. Primeiro para minha filha e depois para as filhas dos outros”, conta Helga, que atua como costureira há 56 anos. Ela ainda se emociona ao ver as peças que criou com tanto amor perdurando com o passar do tempo.

Theresia, por sua vez, também se lembra com carinho da primeira vez que ajudou na montagem de um traje: “Eu não sabia fazer nada. Fui observando as outras e aprendendo”. Hoje, depois de mais de mil trajes confeccionados, entre encomendas para a Fundação Cultural e pedidos particulares, ela admite que não aceita mais demandas. Além, é claro, daquelas que vêm de suas filhas, netas e bisnetas. “Um dos momentos mais emocionantes foi ver minha filha, Roseli, usando um traje que eu mesma costurei, durante o lançamento do seu livro, no palco do Centro Cultural”, relembra.



Helga Schlafner:
O universo dos trajes e da costura continua a ser sua grande paixão até hoje.

“Cada vez que eu vejo os trajes, é muito importante para mim. Recentemente, vi duas mulheres que usavam esse traje na igreja, e lá estava a saia que eu fiz há 50 anos”, conta com um sorriso emocionado nos lábios.



Os casais Silvia e Roberto Sattler (à direita) e Leni e Marcio Schäfer, ao lado do pastor Samuel Leitzke: as mulheres vestem trajes confeccionados por Helga Schlafner há mais de 50 anos.



Neuraci Brasília de Ramos Oliveira:
“Preservar a tradição é a essência do povo suábio”.

As duas amigas, que chegaram a trabalhar juntas por alguns anos, refletem sobre a importância de transmitir esses conhecimentos às novas gerações. “Eu acho fundamental repassar aos filhos, netos e bisnetos para que a tradição não se perca. Nós moramos aqui no Brasil e sempre fomos bem recebidos, mas é importante manter a tradição para que os jovens saibam de onde viemos”, pontua Helga.



Pioneiras dançam em trajes feitos por Neuraci durante o Maibaumfest 2025.

E são justamente essas novas gerações que têm o papel de dar continuidade a esse legado. Neuraci Brasília de Ramos Oliveira, conhecida como Neura, também está entre as costureiras que mais produzem trajes em Entre Rios. Ela chegou à Colônia aos três anos de idade e viveu ali até o ano passado, quando se mudou para Ponta Grossa. Ainda assim, retorna mensalmente para atender suas clientes e manter viva a tradição que ajudou a construir.

Ela costurou seu primeiro traje suábio em 1992 e, desde então, nunca mais parou. Aos 61 anos, com mais de uma década dedicada à confecção de trajes para os grupos de dança e para a comunidade, Neura ressalta: “Acho importantíssimo manter a tradição, os costumes e a cultura. Essa é a essência do nosso povo suábio”.

A costureira Elli Vier Stecher, especialista na confecção de trajes suábios, reforça o valor histórico e emocional dessas peças. “É um trabalho que exige tempo, cuidado e muito amor”, afirma. Ela conta que começou costurando a partir de moldes e modelos prontos, aprendendo aos poucos a observar cada detalhe. Hoje, à frente de uma equipe com cinco costureiras, Elli se dedica a preservar ao máximo a tradição, chegando até a importar materiais especiais para garantir a autenticidade de suas criações.

As diferenças entre Traje Típico e Dirndl

O traje típico danúbio-suábio em Entre Rios reúne elementos das vestimentas tradicionais usadas pelos suábios do Danúbio em suas regiões de origem no sudeste da Europa. Atualmente, ele é preservado e utilizado principalmente pelos grupos de dança da Fundação Cultural.

Já o Dirndl, originalmente parte do traje típico bávaro e austríaco, pode ser usado tanto na sua forma tradicional quanto em versões mais modernas e estilizadas. Como a Áustria serviu de lar temporário para os suábios do Danúbio durante sete anos, o Dirndl acabou incorporando-se à cultura de vestuário desse povo, tornando-se uma peça marcante de sua história.

“Ensinei a técnica a todas as minhas ajudantes e estou sempre à disposição para esclarecer qualquer dúvida sobre a confecção dos trajes. Preservar a cultura e a tradição é essencial para manter viva a identidade de uma comunidade, seja na culinária, nas vestimentas ou na língua. Para mim, é uma honra contribuir para essa preservação por meio da criação de trajes infantis e adultos”, afirma.



Elli Vier Stecher:
“É um trabalho que exige tempo, cuidado e, acima de tudo, muito amor”.

Nos bastidores, a confecção vai muito além da técnica. Montar um traje exige precisão, paciência, ferramentas específicas e, acima de tudo, respeito às tradições. Afinal, conservar também é parte essencial desse processo. Um



Anna, Sara e Isabel Illich exibindo trajes confeccionados por Elli Vier Stecher.

traje mal armazenado ou lavado de forma inadequada pode perder suas características originais. Em muitos casos, por se tratar de peças que atravessaram gerações, a preservação correta torna-se ainda mais valiosa, garantindo que a história continue viva em cada detalhe.

Como cuidar de um traje? Um workshop com respostas

Para orientar e ampliar o conhecimento da comunidade sobre os trajes suábios, a Fundação Cultural Suábio-Brasileira promoveu, no dia 18 de junho de 2025, o Workshop de Trajes Suábios, realizado no Museu Histórico de Entre Rios. O encontro teve como objetivo apresentar, de forma acessível, os fundamentos históricos do traje típico e oferecer instruções práticas sobre como vesti-lo, higienizá-lo e armazená-lo corretamente, garantindo sua preservação para as futuras gerações.

Ao todo, 26 participantes estiveram presentes no evento, entre integrantes de grupos folclóricos, profissionais de lavanderia, professoras, mães de dançarinos e colaboradores da Fundação. Para garantir acessibilidade, as orientações contaram com o apoio de tradutores de Libras.

Durante o workshop, foram compartilhadas dicas valiosas sobre como lidar com a umidade, realizar as amarras corretas e assegurar a conservação a longo prazo dos trajes. Como destaca Roberto Essert, “o Workshop é uma soma de contribuições de todos os aspectos, trazendo mais clareza sobre o porquê de não alterar ou modernizar o tradicional, pois ele revela a identidade e as raízes de um povo.”

A experiência foi tão positiva que já existem planos para uma nova edição, desta vez voltada especialmente aos 14 grupos de dança de Entre Rios, fortalecendo ainda mais a preservação cultural da comunidade.

Tradição costurada no tempo

Em tempos de roupas descartáveis e tendências passageiras, os trajes típicos dos Suábios do Danúbio em Entre Rios permanecem como testemunhos vivos de uma cultura resiliente. E são as mãos dedicadas de mulheres como Helga, Theresia, Elli e Neuraci que asseguram que essas memórias não se percam no tempo.

Cada ponto costurado é também um elo que conecta passado e presente — e, com esperança, o futuro. Enquanto houver quem vista, costure, ensine e aprenda, os trajes suábios continuarão a girar nas pistas de dança e a pulsar nos corações de quem os honra.

Afinal, a tradição não apenas se veste: ela se vive.



Theresia Brandtner se emocionou ao ver sua filha Roseli no palco, durante o lançamento do seu livro, vestindo um dirndl que ela mesma costurou.



Descrição do traje feminino suábio

No típico traje feminino suábio, as moças usam uma blusa branca de linho fino, com mangas curtas e bufantes. O pequeno decote e as bordas das mangas são delicadamente adornados com rendas, dando à peça um charme sutil e gracioso.

Sobre a blusa, é usado um corpete de veludo, conhecido no dialeto como “Leiwl”. Ele chega até a cintura e é fechado com ganchos invisíveis, conferindo uma silhueta simples, porém elegante.

Um acessório marcante do traje de verão é o lenço de caxemira com franjas confeccionado em seda ou lã muito fina. Ele é cruzado na parte da frente e amarrado atrás na cintura. Enquanto as mulheres geralmente optam por xales pretos e discretos, as moças preferem versões floridas e coloridas. Para completar o visual com sofisticação, usa-se o “Patra”, um colar preto feito de pedras lapidadas, que harmoniza perfeitamente com o conjunto do traje tradicional.

Fotografia: registro da história e expressão artística



Imagem produzida pela fotógrafa e professora de arte Nicole Gutfreund

Bárbara Miranda

Desde a antiguidade, com os primeiros estudos sobre ótica realizados na China e a caixa obscura, criada por Aristóteles, o ser humano buscou maneiras de registrar imagens. Mas foi apenas no século XIX que o francês Joseph Niépce finalmente conseguiu a fixação no papel.

Em 19 de agosto celebramos o Dia da Fotografia. Pouco mais de dois séculos após seu surgimento, o processo que grava imagens “no papel” passou por várias transformações: a troca das chapas por filmes, a chegada das fotografias coloridas, o lançamento das máquinas fotográficas comerciais, a impressão instantânea com as Polaroides e, mais recentemente, o surgimento dos dispositivos de captura de imagem digitais, que permitiram a popularização do ato de fotografar.

Nesse tempo todo, o que não mudou foi o sentimento que cada um de nós tem ao abrir aquela caixa que geralmente fica escondida no fundo do guarda-roupa, cheia de fotografias. Mais do que trazer à tona recordações, elas são um elemento fundamental para contar a história.

O acervo do Museu Histórico de Entre Rios possui mais de 60 mil fotos, sem contar os inúmeros filmes não revelados. Este material está totalmente catalogado, sendo revisado ao longo dos anos e recebendo especial dedicação durante os preparativos para a celebração dos 70 anos do distrito de Entre Rios.

Com o arrolamento das imagens, realizado nos anos de 2019 e 2020, as fotos passaram a ser higienizadas, uma a uma. Para isso, a Fundação Cultural Suábio-Brasileira, administradora do museu, investiu em uma câmara específica para realização do processo. “Muitos itens têm anotações à caneta no verso, cliques, grampos, enfim, coisas que prejudicam a conservação das fotos. O tempo que levamos para higienizar cada uma depende dessas intervenções que foram feitas no papel, pode levar uma tarde e pode levar três dias”, explica Annelise Lemler, responsável pelo acervo fotográfico da instituição.

Cerca de um terço das fotos do Museu Histórico de Entre Rios já foram higienizadas. Antes do processo, os itens ficam acomodados em caixas de papelão, onde estão separados por temática. Depois de passarem pela limpeza, as fotos são cadastradas no sistema do museu, digitalizadas e então guardadas em uma embalagem própria, que contribui para conservação.

Neta do pioneiro suábio Anton Lemler, hoje com 93 anos, Annelise revela que é comum se emocionar durante o manuseio das fotografias. “Já encontrei muitas fotos onde ele aparece. Na infância, meu avô costumava reunir os netos para contar a nossa história e sempre mostrava fotos. Rever essas imagens é muito especial”.



O processo de restauração de fotografias é minucioso e pode durar dias

Do hobby à profissão

Quem frequenta a Paróquia São Miguel Arcanjo já está acostumado a vê-lo nas celebrações da Igreja, quase sempre com a máquina fotográfica nas mãos. Entretanto, o primeiro contato de Ernesto Remlinger com a fotografia aconteceu nos anos de 1980, quando servia ao Exército Brasileiro, na cidade de Curitiba.

Ao retornar para Entre Rios, Ernesto começou a trabalhar na Agrária e mantinha a fotografia com um hobby. As belezas naturais do Distrito o inspiravam a fotografar. “Ainda gosto muito de fazer imagens das cachoeiras que temos aqui”, diz.

Com o tempo, Ernesto também passou a fotografar eventos sociais, a maioria deles em Guarapuava. “Eu vivia muito na noite, então começou como uma brincadeira, tirava uma foto aqui, outra ali, e as pessoas começaram a pedir as fotos. Eu participava do Coral da Unicentro (Universidade Estadual do Centro-Oeste) e por causa desse contato tinha até um expositor de fotos dentro da Universidade”, relembra.

Ao se desligar da Agrária, Ernesto adotou a fotografia como ganha pão. Ele abriu o primeiro estúdio fotográfico de Entre Rios e se tornou figura presente nas festas da comunidade. Além disso, começou a se dedicar à produção de ensaios fotográficos e fotografias para documentos, as famosas fotos 3x4. “Tenho mais de 3 mil filmes guardados”, comenta.



Fotos: Bárbara Miranda e Jayná Pruenzi

Ernesto Remlinger tem em seu acervo mais de 3 mil filmes de fotos

Mesmo após enfrentar situações delicadas de âmbito pessoal e com o advento da fotografia digital, que democratizou o acesso às fotos, Ernesto Remlinger continua trabalhando na área. Como membro atuante dos movimentos da Igreja Católica, ele se especializou na fotografia religiosa, mas continua atuando em outras frentes. “Muitas pessoas acham que eu tiro apenas as fotos das solenidades da Igreja. Ainda tiro muitas fotos para passaporte e realizo ensaios fotográficos externos e em estúdio”, conta.

Nicole Gutfreund

Foi durante uma viagem para a Alemanha, ainda na época da escola, que a professora e fotógrafa Nicole Gutfreund ouviu pela primeira vez que suas fotos eram diferentes. Anos mais tarde, quando retornou para uma temporada no Velho Continente, ela mergulhou de cabeça no mundo da fotografia. “Havia concluído a faculdade de Artes e passei um período morando na Alemanha. Lá, aproveitei para fazer meu primeiro curso específico voltado à fotografia. Uma das minhas fotos, inclusive, foi publicada no livro ‘Mein Bild von München’”, relata.

Além do curso no exterior, Nicole também aprofundou sua técnica fotográfica participando de formações em instituições renomadas, como a Escola Focus, na cidade de São Paulo. “Hoje é mais fácil encontrar livros e cursos online sobre a história e as técnicas de fotografar. Na primeira década dos anos 2000 quem queria aprender sobre a área precisava buscar fora”.

Hoje, Nicole atua como docente da disciplina de Artes no Colégio Estadual do Campo Dom Pedro I, em Entre Rios, e dá aulas de fotografia na Usina de Conhecimento, localizada no centro de Guarapuava. Em seu dia a dia na sala de aula, ela usa a fotografia como uma ferramenta para instigar os estudantes a enxergar o mundo ao seu redor. “Fotografia é, acima de tudo, o olhar singular que temos sobre a realidade. Somos moldados

pelos livros que lemos, filmes que assistimos e músicas que ouvimos”, enfatiza.

Ainda como professora da rede de ensino do Estado do Paraná, ela teve um dos seus projetos aprovado. A iniciativa recebeu o nome de Olhares do Campo (@olhares_do_campo, no Instagram), e tem como objetivo incentivar alunos que residem em áreas rurais a retratar seu cotidiano por meio de imagens e da música.



Fotografia de Nicole Gutfreund publicada no livro ‘Mein Bild von München’

Retratar a história de sua comunidade por meio da fotografia é algo que a própria Nicole já fez. Com o apoio da Fundação Cultural Suábio-Brasileira, ela fotografou cerca de 200 pioneiros da imigração suábica no distrito de Entre Rios. “A intenção era fotografá-los em momentos corriqueiros. Para mim, foi muito importante conversar com eles e conhecê-los”, analisa. A fotógrafa também foi responsável pela produção das imagens da exposição Mãos que Unem Gerações, que ficou em cartaz no Museu Histórico de Entre Rios em 2022.

Para Nicole Gutfreund, fotografar pessoas é algo especial. Entre as imagens que ela ainda tem o desejo de produzir está o dia a dia de uma comunidade indígena. “Já estive na Amazônia, mas tenho a vontade de fazer algo diferente. Quem sabe no futuro eu consiga conviver com uma comunidade indígena, essa é a melhor forma de captar a essência das pessoas”, finaliza.

Nicole Gutfreund entre imagens da exposição Mãos que Unem Gerações





Um mergulho na cultura e no aprendizado: a viagem do Terceirão do Imperatriz à Alemanha



Fotos: Arquivo Pessoal

Visita ao Museu Central dos Suábios do Danúbio, em Ulm.

Mariana Papi

Entre os dias 16 de maio e 11 de junho de 2025, os alunos da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Imperatriz Dona Leopoldina embarcaram em uma jornada inesquecível rumo à Alemanha. Acompanhados pela professora Gésica Dorfey e pela supervisora administrativa Leila Roberta Krause Strege, os 19 estudantes participaram de uma imersão cultural e linguística que uniu aprendizado acadêmico, história, autoconhecimento e, claro, momentos marcantes ao lado dos colegas.

Essa é a segunda edição da viagem do Terceirão que no ano passado retomou o tradicional passeio com destino à Europa. Durante quase quatro semanas, os alunos participaram de uma programação diversificada, repleta de passeios, descobertas culturais e muitos momentos de diversão. Além disso, eles tiveram duas semanas de aulas intensivas de alemão em Augsburg. “As aulas me surpreenderam positivamente, foram muito mais interessantes do que eu esperava”, admite o aluno Helmuth Mayer Junior.

A experiência proporcionou aos alunos uma imersão completa na língua alemã, com aulas ministradas por professores nativos e projetos desenvolvidos conforme o nível e as necessidades de cada grupo.

“Tudo foi cuidadosamente alinhado à nossa proposta pedagógica. Temos turmas voltadas à preparação para exames de

proficiência que precisavam trabalhar temas específicos, e foi exatamente isso que puderam vivenciar lá”, explica Gésica, coordenadora de Língua Alemã do Colégio Imperatriz.

A exemplo do ano passado, os alunos ficaram hospedados em casas de famílias durante todo o período da viagem. “Foi uma experiência incrível para mergulhar na cultura. É totalmente diferente de ficar em um hotel. Na casa, durante as refeições e no dia a dia, você precisa falar alemão o tempo todo. Realmente dá a sensação de estar morando lá”, destaca Helmuth. Os estudantes foram acomodados em grupos de dois ou três, dependendo do espaço disponível, vivenciando de forma autêntica a rotina de morar em outro país.

A experiência de convivência com as famílias anfitriãs foi tão marcante que até mudou a percepção de alguns

alemães sobre os brasileiros. “Os alunos receberam muitos elogios, e isso foi algo muito especial para nós. Uma das famílias, por exemplo, havia decidido não receber mais brasileiros. Mas, depois da experiência com nosso grupo, no último dia já avisou que quer receber os alunos de Entre Rios novamente no ano que vem. Isso nos deixa imensamente felizes e orgulhosos”, compartilha Leila.

Momentos inesquecíveis, memórias insubstituíveis

O grupo visitou cidades como Munique, Ulm, Salzburgo e Viena, explorando alguns dos destinos mais emblemáticos da Europa. Entre os destaques, estiveram o majestoso castelo de Neuschwanstein, o museu da BMW, a Legoland e o Europa Park, que encantaram os alunos com cultura, tecnologia e diversão. Houve também momentos de profunda reflexão, como na visita ao campo de concentração de Dachau. “É uma experiência que arreia. A atmosfera do lugar muda o comportamento das pessoas automaticamente”, relata Leila.

Entre as muitas atrações inesquecíveis, uma se destacou de forma unânime entre os alunos: a Zugspitze, o ponto mais alto da Alemanha. Assim como na edição anterior da viagem, esse passeio foi eleito o melhor momento da excursão, especialmente pela emoção de ver a neve de perto. “O lugar é simplesmente deslumbrante. Só estando lá para entender a beleza real, o



Helmuth Mayer Junior (2º da esq., à frente) com sua turma diante do Castelo de Neuschwanstein.

contraste, o lago, a imensidão de cumes cobertos de neve. De um lado, a Áustria; do outro, a Alemanha. É um passeio que realmente marca o grupo”, observa Leila.

Gésica acrescenta: “Além disso, eles tiveram a chance de brincar, se divertir e se sentir crianças novamente, se jogando na neve e aproveitando cada instante”. Como novidade no roteiro deste ano, os alunos visitaram a Universidade de Augsburg. “A ideia era proporcionar, especialmente para a turma do Terceirão, um primeiro contato com o ambiente universitário, para que pudessem conhecer a estrutura e a rotina acadêmica. Eles prepararam perguntas e realizaram entrevistas com pessoas da universidade, o que tornou a experiência ainda mais rica. Foi algo muito positivo, que pretendemos manter nas próximas edições”, explica Gésica. Outro momento marcante da viagem foi a visita ao Museu dos Suábios do Danúbio, na cidade de Ulm. “Esse passeio foi muito especial. Foi emocionante reconhecer a história dos meus avós sendo contada lá”, compartilha Helmuth.

Para as próximas turmas, a intenção é manter os principais pontos do roteiro, fazendo apenas ajustes conforme o perfil de cada grupo. “As mudanças serão pensadas de acordo com as necessidades específicas de cada turma, para garantir que tudo funcione bem durante a viagem. Mas a base do roteiro, a essência da experiência, queremos preservar, para que todos tenham oportunidades semelhantes e vivências marcantes”, destaca Gésica.



Leila (1ª da esq.), Flávia (6ª) e Gésica (1ª da dir.) com as alunas em frente ao Palácio de Schönbrunn, em Viena.

Mais que turismo, crescimento pessoal

Mais do que um simples intercâmbio cultural, a viagem representou uma verdadeira oportunidade de crescimento pessoal. Para a aluna Flávia Alessandra Lass Carvalho, foi uma experiência transformadora, que a ajudou a enfrentar medos, ganhar autoconfiança e sair da zona de conforto. “Durante a viagem, eu descobri que minha capacidade de comunicação é muito maior do que as inseguranças que eu sentia antes de ir para a Alemanha. Me senti muito independente quando consegui interagir com os moradores locais, e isso me fez entender, na prática, muita coisa que aprendemos na escola”, relata Flávia.

O impacto para além do âmbito acadêmico também foi destacado por Helmuth. “Eu cresci e amadureci como pessoa. Aprendi a me virar melhor, a respeitar mais as diferenças. Foram experiências que abriram minha mente e que, com certeza, vão me ajudar muito no futuro”, reflete. Autonomia, responsabilidade financeira, organização e coragem são apenas algumas das



Alunos exibindo seus certificados de conclusão do curso de alemão em Augsburg.

lições que os alunos levam dessa vivência. “A oportunidade que o Colégio Imperatriz, com o apoio da Cooperativa Agrária, oferece é única. Não existe outra escola no Brasil com um programa como este, que envolve até a arrecadação de fundos, onde os próprios alunos trabalham para conquistar a viagem. É algo realmente especial”, ressalta Gésica. De volta ao Brasil, os alunos trazem na bagagem muitas lembranças e um novo olhar para o mundo, para si mesmos e para o futuro.



A Zugspitze, ponto mais alto da Alemanha, foi novamente eleita o melhor momento da viagem.

Férias no Museu 2025

No dia 22 de julho, foi realizada mais uma edição do projeto Férias no Museu 2025. As crianças participaram de uma programação diversificada no Museu Histórico de Entre Rios, com atividades pensadas para estimular a criatividade e o aprendizado por meio da arte e do entretenimento. Entre os destaques estiveram a Oficina de Colagem, a pintura dos Colorigoods do MHER – que despertou o interesse pelo patrimônio do museu de forma lúdica – e uma sessão de cinema com pipoca, que exibiu o musical Encanto. O evento proporcionou momentos de alegria, integração e descobertas, reforçando o compromisso do museu com a educação e a valorização da cultura durante as férias escolares.



Foto: Fundação Cultural

Seminário de Gestão 2025

Com o lema “O futuro da Agrária está em nossas mãos”, o Seminário de Gestão 2025 foi marcado por aprendizado, troca de experiências e momentos de reflexão. Entre os destaques, esteve a inspiradora palestra do medalhista olímpico Gustavo Borges, além das apresentações e premiações dos grupos de CCQ. A criatividade e o bom humor se fizeram presentes nas paródias e no concurso de desenhos, trazendo leveza e engajamento à programação. O evento reforçou a importância do crescimento sustentável, do cuidado com a saúde e a segurança, e da ação conjunta como pilares para construir o futuro da cooperativa.



Foto: Agrária

Tour Histórico para colaboradores do Colégio Imperatriz

No dia 23 de julho, como parte da programação da Semana Pedagógica do Colégio Imperatriz, foi realizada mais uma edição do Tour Histórico por Entre Rios. A atividade proporcionou uma imersão na trajetória dos Suábios do Danúbio no Brasil, com visitas a monumentos que marcaram a construção e o fortalecimento da comunidade. A manhã foi dedicada a reflexões sobre o legado cultural e histórico desse povo, reforçando a importância de preservar e transmitir essas memórias às novas gerações.



Foto: Fundação Cultural

Workshops do Dia do Agricultor

No dia 28 de julho, em comemoração ao Dia do Agricultor, foi realizado um programa especial na Akademie IREKS & Agrária, reunindo cooperados em uma manhã de confraternização e aprendizado. O evento começou com o tradicional café da manhã, repleto de delícias preparadas pela IREKS. Em seguida, os participantes tiveram a oportunidade de participar de diversas oficinas, incluindo harmonização de cervejas e queijos, preparo de pães alemães, pão de queijo, cookies e pizzas. As atividades ofereceram dicas práticas, momentos de confraternização e integração, com foco no saber, no sabor e na comunidade.



Foto: Agrária

Contrapartida social

No dia 26 de julho, o Museu Histórico de Entre Rios recebeu as crianças atendidas pela Fundação Proteger para uma atividade especial dentro do programa Férias no Museu 2025, realizada como contrapartida social. A Fundação Proteger é uma organização sem fins lucrativos dedicada à proteção de crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade, oferecendo amparo, apoio integral e condições para o pleno exercício da cidadania. A programação foi marcada por momentos de diversão, aprendizado e afeto, evidenciando de forma significativa o compromisso com a inclusão e a participação cultural.

Celebração do Dia da Imigração Alemã

No dia 25 de julho, a Fundação Cultural Suábio-Brasileira promoveu uma cerimônia festiva em homenagem ao Dia da Imigração Alemã no Brasil, celebrando as conquistas e o legado cultural deixado pelos antepassados. A programação contou com apresentações do Coral Suábio, do Grupo de Dança Sênior, do Grupo de Teatro Thomas Schwarz e da jovem suábica Petra Abt. Um dos momentos mais marcantes da noite foi a apresentação do novo traje das dançarinas do Grupo de Dança Sênior. Durante o evento, Lore Schneiders, colaboradora do Museu, compartilhou a história da vestimenta tradicional suábica, mostrando como ela serviu de inspiração para a criação do novo traje, símbolo do compromisso com a preservação da identidade cultural.



Foto: Fundação Cultural

Fundação Cultural na Festa da Família Frísia

No dia 2 de agosto, a Fundação Cultural participou da celebração do centenário da Cooperativa Frísia, realizada no Parque Histórico de Carambeí. No palco, o Grupo de Danças Folclóricas Juvenil encantou o público com a beleza e a energia de coreografias tipicamente suábicas, enquanto o Trio Edelklang trouxe animação com sua música vibrante. A calorosa recepção e o entusiasmo da plateia transformaram a apresentação em um momento especial. A festa uniu tradição, história e comunidade, deixando uma mensagem inspiradora de troca cultural e integração entre gerações.



Foto: Fundação Cultural

Torneio de Bolão na Jordãozinho

No dia 3 de agosto de 2025, o Parque Recreativo da Jordãozinho recebeu o 35º Torneio de Bolão, marcado por disputas emocionantes e um clima de confraternização. A equipe Bar sem Lona conquistou o título com 103 pontos, seguida pela AABER, em segundo lugar, e pela equipe Samambaia, que garantiu a terceira colocação. O destaque individual foi Diego Vier, eleito melhor jogador da competição, com 27 pontos. Além do torneio principal, atividades paralelas como jogos de cartas e bilhar também animaram os participantes. O evento celebrou o espírito esportivo, a amizade e a alegria, consolidando-se como um tradicional ponto de encontro para amigos e entusiastas do esporte.



Foto: Arquivo Pessoal

3º Encontro de Corais Cooperativistas em Cascavel



Foto: Fundação Cultural

A convite do Sistema OCEPAR, a Fundação Cultural participou, no dia 2 de agosto, do 3º Encontro de Corais Cooperativistas. O evento, realizado no Teatro Municipal Sefrin Filho, em Cascavel, contou com apresentações que representaram a Cooperativa Agrária, incluindo o Coral Suábio, o Coral Infantil, o Coral Encanto e o grupo Die Dorfsänger. As performances uniram qualidade musical e tradição, destacando a importância do intercâmbio cultural entre corais cooperativistas do Paraná. A noite reforçou o compromisso com a preservação da memória cultural e o fortalecimento da colaboração entre comunidades.

Falecimentos

- ❖ No dia 1º de julho de 2025, faleceu Marcos Anthonio Thamm, aos 47 anos. Nascido em 26 de outubro de 1978, em Guarapuava, deixa enlutados seus pais, Marcos e Virgínia Thamm, sua esposa Silmara, seu filho Marcos Augusto e suas irmãs Cláudia e Letícia.
- ❖ Reinhold Holzhofer, nascido em 13 de fevereiro de 1966, em Entre Rios, faleceu em 15 de julho de 2025, aos 59 anos. Deixa sua mãe Eva, a esposa Mara, as filhas Bárbara e Bruna, a neta Cecília e as irmãs Renate e Mathilde.
- ❖ No dia 16 de julho de 2025, faleceu Irma Geier, aos 93 anos. Nascida em 8 de outubro de 1931, em Sidski Banovci (antiga Iugoslávia), chegou a Entre Rios no 4º transporte. Deixa enlutados seus filhos Irene, Adelheid, Annelise e Norbert, além de 10 netos, 15 bisnetos e uma tataraneta.
- ❖ Veronica Jurgowski, nascida em 21 de outubro de 1953, em Entre Rios, faleceu em 5 de agosto de 2025, aos 71 anos. Deixa seus filhos Edson e Everson e os netos Maria e Luiz.
- ❖ No dia 12 de agosto de 2025, faleceu Franz Hunger, aos 80 anos. Nascido em 2 de fevereiro de 1945, em Senftenbach (Áustria), chegou a Entre Rios no 7º transporte. Deixa sua esposa Edeltraud, seus filhos Horst e Helmuth, além de quatro netos.



Winter Show

EXCELÊNCIA EM CEREAIS DE INVERNO



30/09 a
02/10 • 2025



FAPA - Entre Rios
Centro de Eventos Agrária

palestras conteúdos técnicos
resultados de pesquisas
networking

Evento gratuito e aberto à comunidade

Confira programação completa no site: wintershow.com.br



REALIZAÇÃO



Patrocinador Diamante



Se é Bayer, é bom

Patrocinador Ouro



Patrocinador Prata



Patrocinador Bronze



Apoio



Financiamento

